

# A aposta na conciliação

*A eleição de Joaquim Chissano abre uma etapa de reconciliação nacional e cria condições para a recuperação do país, arrasado por 30 anos de guerra*

**D**epois de 30 anos sem conhecer um único dia de paz – foram 14 anos de luta contra o colonialismo e 16 anos de guerra civil – os moçambicanos tiveram em dezembro um bom motivo para sair às ruas e festejar. A posse do presidente Joaquim Chissano, vencedor das primeiras eleições multipartidárias do país, renovou as esperanças de que Moçambique, por fim, conheça um período de paz e desenvolvimento.

“Esse é o momento privilegiado para os moçambicanos darem-se as mãos, superarem as suas diferenças e saberem viver como verdadeiros irmãos. Temos que saber pregar novos relacionamentos, sem preconceitos e sem rancores; devemos enterrar para sempre os ódios e renunciar de vez às vinganças”, afirmou Chissano em seu discurso de posse.

Seu tom conciliador tinha um objetivo muito claro: iniciar o doloroso processo de cicatrização das feridas deixadas pelos anos de guerra civil. De fato, o resultado das primeiras eleições livres mostrou um país rachado ao meio. Metade da população deu seu voto à Frelimo (Frente de Libertação de Moçambique) – partido que chegou ao poder em 1975, depois de uma longa e vitoriosa luta contra o colonialismo português – e a outra metade votou no seu adversário, a Renamo (Resistência Nacional Moçambicana), grupo guerrilheiro mantido pelos regimes racistas da Rodésia (atual Zimbábue) e África do Sul.

Hoje transformada em partido político, a Renamo obteve nas eleições legislativas 112 cadeiras, contra 129 da Frelimo, além de contar com o apoio de uma coalizão de pequenos partidos, a União Democrática, que conseguiu eleger nove deputados. Já na disputa presidencial, Afonso Dhlakama, líder da organização, conseguiu 33% dos votos, contra 53% de Chissano, um número que surpreendeu os analistas locais.

“Esperávamos que a margem de vi-

tória fosse mais substancial”, reconhece Marcelino dos Santos, presidente da antiga Assembleia unipartidária instalada em 1987 e cujas funções expiraram em 8 de dezembro com a posse dos novos 250 deputados que compõem o atual Parlamento pluripartidário.

A Frelimo foi mais votada no norte e no sul, tendo ganho nas províncias de Cabo Delgado, Niassa, Inhambane, Gaza, província de Maputo e na própria capital, Maputo. Já a Renamo obteve mais votos em Nampula, Zambézia, Sofala, Manica e Tete, importantes províncias do ponto de vista econômico.

“Mas é importante ressaltar que, mesmo nas províncias onde a Renamo ganhou, a nossa presença também é grande e a margem de diferença de votos foi pequena. Só em Sofala ganharam por ampla margem. Por outro lado, onde a Frelimo venceu, eles perderam feio: na capital, a Renamo obteve apenas 17% dos votos”, enfatiza Marcelino.

**Derrota nas províncias do centro** – Segundo ele, para os próprios dirigentes da Frelimo é uma incógnita a derrota do partido nas províncias do centro. “Ainda é uma questão sobre a qual todos nós nos perguntamos... Há, no entanto, elementos que deverão ser levados em consideração numa futura análise para se entender o porquê deste comportamento da população. Para começar, há o fator medo, como resultado



Com a desmobilização, milhares de armas foram recolhidas

de uma ação psicológica que a Renamo desenvolveu até mesmo durante o processo eleitoral.”

O ingrediente religioso-cultural, especula Marcelino dos Santos, talvez tenha também influenciado esse resultado. “É preciso analisar o peso das religiões católica e muçulmana nessa região. Calcula-se que em Moçambique deve haver em torno de cinco ou seis milhões de muçulmanos, em um total de 15 milhões de habitantes, o que dá a idéia da importância dessa comunidade. Em relação à Igreja católica, ela tem mais peso político devido ao contexto mundial. Mas o fato de representantes da hierarquia católica terem orientado a população a não votar na Frelimo também pode ter tido alguma influência no resultado eleitoral.”

Por último, na sua opinião, é preciso avaliar que peso tiveram as denúncias, comprovadas em alguns casos, de cor-

# ÁFRICA

## MOÇAMBIQUE

rupção no governo. “Essa questão da corrupção não é fácil de enfrentar... De fato, se registraram alguns casos, mas é preciso analisar em que medida isso influenciou o comportamento da população nas urnas. Se as pessoas vêem que há realmente esbanjamento de recursos públicos por parte de certas autoridades, se perguntam por que deveriam continuar se sacrificando...”, analisa o ex-presidente da Assembleia nacional.

**Longo caminho até a paz** – Sacrifício, aliás, é uma palavra já incorporada ao dia a dia dos moçambicanos: a guerra deixou mais de um milhão de mortos, milhares de pessoas mutiladas (grande parte, crianças) e mais de três milhões de refugiados. A infra-estrutura foi seriamente danificada (a maior parte das estradas foi destruída e metade das escolas e postos de saúde virou escombros) e hoje a mortalidade infantil alcança a incrível cifra de 150 por 1.000.

Com o fim do conflito, o desemprego surge como um dos piores fantasmas, particularmente para os cerca de 80 mil efetivos da Frelimo e da Renamo desmobilizados (ver **cadernos**, n° 180: “*Novas perspectivas*”). Por enquanto, a questão não é tão explosiva porque, ainda que precariamente, eles estão recebendo salários e aguardando treinamento para reintegrar-se à vida civil.

“Naturalmente, muitos se questionam por que não foi possível vencer a guerra contra a Renamo, se lutamos vitoriosamente contra o colonialismo português, um inimigo muito mais forte...mas não é algo simples de respon-

der...”, admite Marcelino dos Santos.

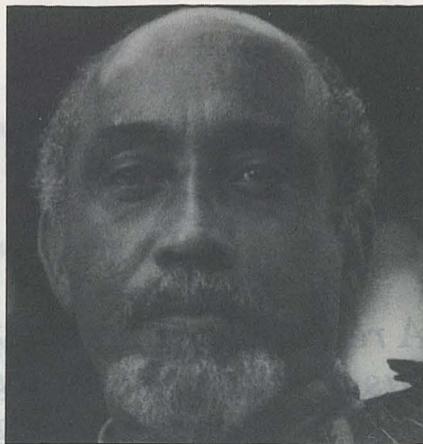
De fato, depois de mais de dez anos de combates, havia se chegado a uma situação onde “nenhuma das duas forças tinha condições de vencer no campo militar e, portanto, não havia outra saída senão a via diplomática”.

A princípio, não foi fácil para a Frelimo convencer a população a aceitar conversações com um grupo responsável por tantos crimes e atrocidades contra os civis. “Porém, o mais importante era chegar à paz. E foi isso que levou os moçambicanos a aceitarem as negociações com a Renamo. A população não se perguntou muito porque não conseguimos vencer a guerra... Apenas constatou que não vencemos e que era preciso negociar”.

**Novo contexto interno e externo** – Além das condições internas, Marcelino considera fundamental para que se tenha logrado a paz o novo contexto criado na África Austral com o fim do *apartheid* e a eleição de Nelson Mandela. “Importante também foi o distanciamento que os Estados Unidos tomaram em relação a Renamo”, acrescenta.

Esta mudança de posição teria sido, na sua avaliação, determinada basicamente por dois fatores. Primeiro, a divulgação de um documento, produzido em 1986 por um congressista norte-americano e conhecido como Relatório Gersony, onde se mostrava abertamente que a Renamo recorria a métodos de ação criminosos.

Outro elemento que pesou na mudança da posição norte-americana foram as profundas transformações ope-



Marcelino dos Santos: “A negociação é o único caminho para a paz”

radas em Moçambique nos últimos anos, em particular a lei mediante a qual se alterou o parágrafo da Constituição que definia o país como um Estado socialista.

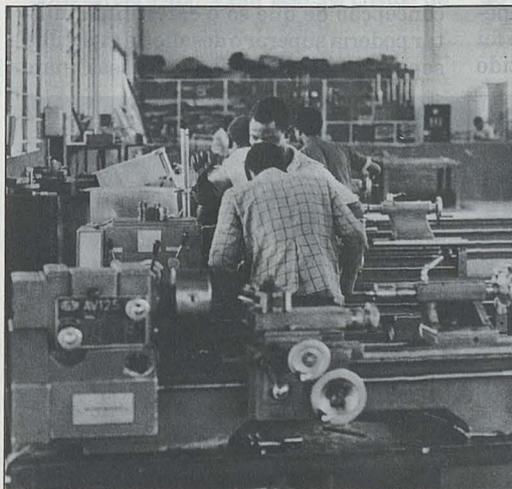
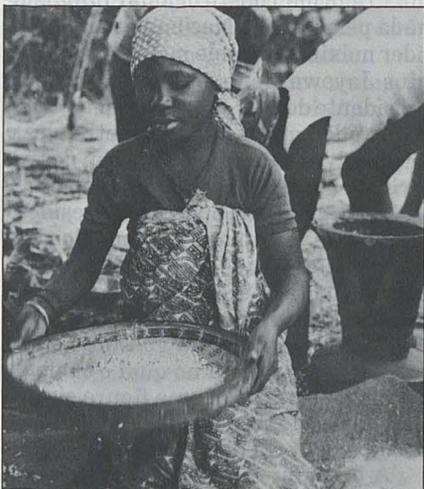
“Tivemos que adotar o capitalismo, mas era evidente que toda medida econômica só daria resultado se a guerra terminasse, o que veio a acontecer apenas em 1992”, lembra o dirigente.

Hoje, Moçambique vive um processo de privatização geral e aposta na parceria com investidores estrangeiros. Em 1991, o governo votou uma lei de investimentos (revisada em 1993) que oferece às empresas facilidades como isenção de impostos nos primeiros anos e remessa de lucros em qualquer momento. Devido a esse conjunto de medidas, o setor privado é atualmente muito mais forte que o estatal em todas as áreas.

Em alguns setores, porém, explica Marcelino dos Santos, o Estado ainda se faz presente, “como, por exemplo, na área de energia e ferrovias. Quanto à saúde e educação, embora a maior parte desses serviços sejam públicos, permitimos a abertura de hospitais e escolas privadas”.

Apesar de todas as dificuldades, pouco a pouco o país começa a respirar um clima de maior otimismo e confiança no futuro. “Já se observa uma revitalização de setores como o têxtil, o turismo, a indústria de transformação, assim como da agricultura e pesca. No caso da agricultura, o desenvolvimento é real, mas insuficiente. Uma condição importante para o desenvolvimento da agricultura era que as pessoas deslocadas voltassem para seus lugares de origem e isso leva tempo”, assinala. ■

(Claudia Guimarães)



Com o fim da guerra, começa a se observar uma revitalização da agricultura e da indústria